Que me importa, meus versos, que vos tomem (e eu vos tome também) por chaves falsas, se vós me abris as portas verdadeiras?

SEBASTIÃO DA GAMA

CRISTO

À minha cabeceira o Cristo morre
de puro dó. Silenciosamente,
da cabeça caída para a frente
um fio de sangue, ainda vivo, escorre.

Puseram-mO ali como um remorso.
Não quiseram matá-Lo de uma vez,
p'ra m'O porem ali como um remorso.
Tem os olhos abertos. Tristes..., tristes...
E a Sua boca quase que me fala,
como quem repreende meigamente.

Quando me vou deitar, já nem O olho.
Apago a minha vela bruscamente,
p'ra não ver os Seus olhos que me doem
como um remorso antigo.

Por que não ficou morto no Calvário,
apodrecendo aos Astros indiferentes?
Por que veio acabar para o meu quarto,
com estes olhos suaves que me acusam,
com estes lábios tristes que me pedem
que O não deixe morrer tão sem razão?

Tem quase dois mil anos o meu quarto.
E em mais de mil das noites destes anos
eu apaguei a vela p'ra não ver
a agonia do Cristo, que me acusa.

Mas Ele rasga a escuridão da Noite.
Mas Ele rasga o sono em que me oculto
e vem, solto da cruz a que O prendi,
continuar, no fundo da minh'alma,
Seu estertor.
Seus olhos brilham mais, na escuridão...
P'ra de todo morrer,
como que espera apenas o segundo
de eu Lhe pedir perdão.

AVEIRO, 14 DE MAIO DE 1960 ★ ANO SEXTO ★ NÚMERO 290

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM A «LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

D. JOÃO V E SANTA JOANA

PELO DR. ANTÓNIO CHRISTO

O nome de D. João V anda, como o de muitos outros monarcas portugueses, ligado ao Convento de Jesus e ao culto da egrégia Padroeira dos aveirenses. Revelam-no inúmeros factos, dos quais destacamos os que se nos afiguram mais expressivos.

Para se evitarem possíveis danos ou irreverências resultantes das obras de arranjo do local e assentamento do túmulo sumptuoso de Santa Joana Princesa, o caixão que continha os seus restos mortais foi mudado, com as devidas honras, para a capela de Nossa Senhora da Conceição, situada no ante-coro cimeiro do Convento, onde se conservou durante doze anos.

Por carta de 28 de Agosto de 1711, El-Rei D. João V ordenou a D. António de Vasconcelos e Sousa, Bispo de Coimbra e Conde de Arganil — por interessante coincidência sétimo neto do Rei Africano — que, nomeando quatro abades das Ordens de S. Bento e de S. Bernardo, com eles procedesse à trasladação dos venerandos despojos para o riquíssimo túmulo.

Não temos presente o original ou qualquer cópia da régia missiva, nem sabemos se ainda existem e onde se encontram. Mas não sofre dúvidas que o Rei Magnânimo se empenhou em distinguir o Convento de Jesus e glorificar Santa Joana, como resulta da ordem dada ao prelado e bem se alcança do fausto principesco das cerimónias.

Iniciaram-se as diligências, em 10 de Outubro de 1711, com o exame e autenticação das relíquias da bem-aventurada Princesa-Infanta, actos solenes e demorados a que assistiram as autoridades religiosas e civis, por obrigação dos seus cargos, de tudo se lavrando termo que, devidamente assinado, se encerrou no caixão, ficando traslado no cartório do Convento.

No dia 21, propositadamente escolhido por ser a véspera do aniversário natalício de D. João V — a quem mais tarde se enviou uma das três chaves com que foi encerrado o caixão — deu-se começo a um solenìssimo tríduo, sendo oradores o Padre Frei José de Jesus Maria, o Padre Frei António de Sequeira, que de Lisboa viera propositadamente, e o Padre D. Bernardino dos Anjos, cónego regular de Santo Agostinho.

Mais do que nunca, porém, em 23 dos referidos mês e ano as festas atingiram admirável magnificência. De todas as solenidades se conserva desenvolvida notícia, que não poderíamos aqui reproduzir. Uma breve referência ao majestoso cortejo da trasladação será suficiente para nos apercebermos do inusitado brilhantismo das cerimónias.

A procissão deu volta ao claustro, saiu à rua, passou junto da matriz de S. Miguel,

Continua na página 5

CRÓNICAS ALEGRES

Carta de S. Paulo

Secção de Jorge Mendes Leal

CONVENCEMO-NOS de que não escapou aos leitores a seguinte notícia, inserta nos jornais do passado dia 8: «SÃO PAULO, 7 — Os críticos literários brasileiros acabam de descobrir um *talento* nos *bairros da lata* desta cidade: Maria de Jesus, uma trapeira negra de 43 anos, mãe de três filhos. Escrevendo em papel gorduroso, tirado dos caixotes do lixo, a trapeira redige o seu *diário*, que os críticos brasileiros comparam às melhores obras-primas contemporâneas e por cuja publicação vários editores ofereceram já quantias de vulto».

A propósito, vamos transcrever uma carta hoje recebida do Brasil e assinada pelo nosso distinto amigo Zózimo Pedrosa — o qual, neste momento, se encontra em gozo de merecidas férias na capital paulista.

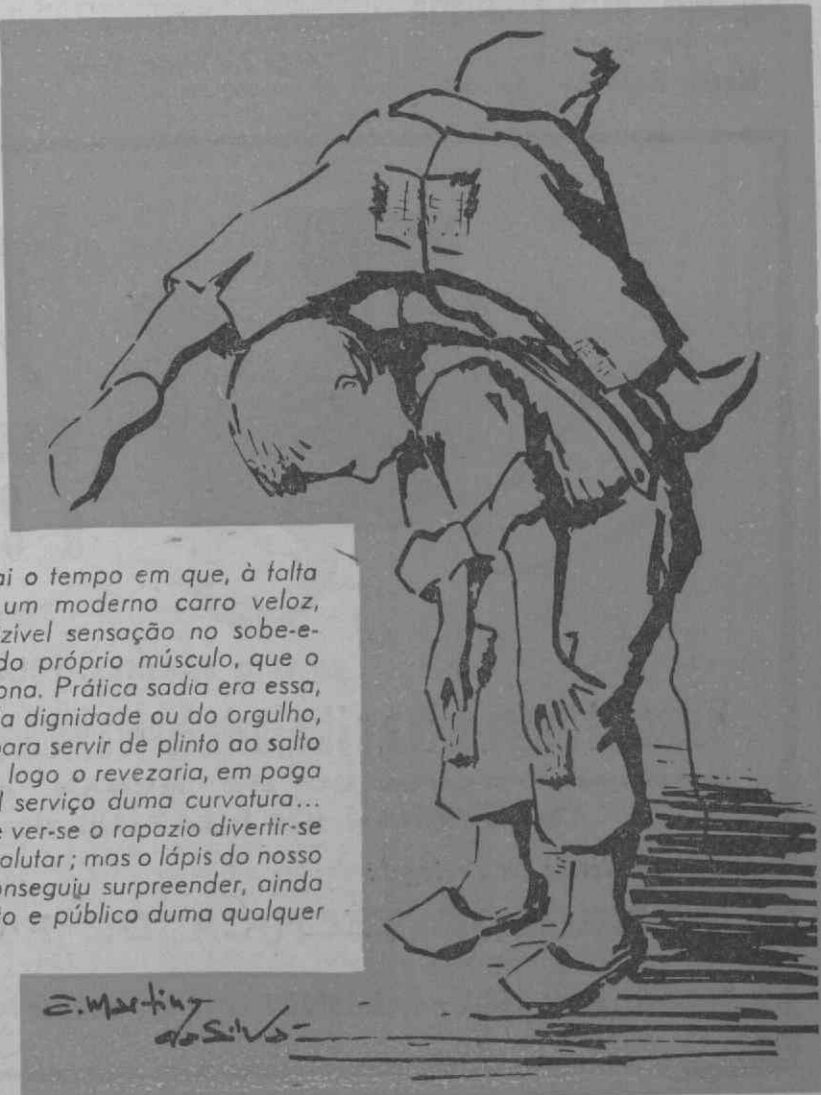
Caro amigo:

Os escritores portugueses que se queixam da sua miséria deveriam procurar, aqui em São Paulo, a brilhantíssima negra Maria de Jesus. Essa pasmosa mulher, cuja torrencial inspiração rebenta directamente dos caixotes do lixo, ensinar-lhes-ia que a arte literária vive no espírito da gente pobre, faminta, esgalgada — se não mesmo, por excelência, entre os fedores enjoativos da comida podre e a confusão residual da papelada inútil.

Eu sei que você não estará de acordo comigo. Você aspira a uma secretária loira a quem dite os seus miserandos artigos, a um candeeiro de estilo sobre a mesa de trabalho e a milhentas outras coisas doiradas e lustrosas. Você, inqualificado escrevente de peripécias burguesas, enchedor rotineiro de folhas provincianas, enfia o triste pescoço em colarinhos dogmáticos, tesos, protocolares; reduz o orçamento dos bifes domésticos para poder comprar gravatas de seda natural; aponta aos amigos, invejosamente, os rotundos proventos pessoais dos Hemingways, dos Steinbecks, dos Faulkners; e todo se encrespa quando o patrão, dono do magnânimo jornal que lhe paga dois contos de réis por mês, exige um comentário menos profundo, menos aliteratado, menos enraizável no palavrão «Cultura». Porque você — um dos quarenta e dois mil novecentos e trinta e sete Prémios Nobel potenciais que ilustram o país... — não pode, sem risco de se atolar na vulgaridade, produzir umas quantas linhas acerca do guarda-livros que se meteu debaixo do combóio; da vedeta dos celulóides que chegou ao aeroporto; da famosa «guerra dos brioches», actualmente tão acesa entre os pasteleiros e os padeiros lisboetas; ou, ainda, do notável Joaquim de Oliveira — que, em Caen, derrotando cento e vinte competidores eméritos, acaba de conquistar o primeiro Grande Prémio no Concurso Internacional de Tripas.

A escura e maltrapilha Maria de Jesus, inquilina duma barraca sórdida, não veste combinações de «nylon» nem toma os seus apontamentos

Continua na página 5

LONGE, para muitos, vai o tempo em que, à falta da vertigem que dá um moderno carro veloz, procuravam essa indizível sensação no sobe-e--desce, por impulso do próprio músculo, que o jogo do eixo proporciona. Prática sadia era essa, em que, sem ofensa da dignidade ou do orgulho, o garoto se curvava para servir de plinto ao salto do companheiro, que logo o revezaria, em paga do serviço, com igual serviço duma curvatura... que não desonera... Raro é hoje ver-se o rapazio divertir-se com esse jogo, tão velho como salutar; mas o lápis do nosso colaborador Martins da Silva conseguiu surpreender, ainda há bem pouco, no campo aberto e público duma qualquer rua, todo o movimento dum salto do eixo — fixando um momento que, para muitos, é acicate duma irreprimível e profundamente sentida saudade.

Ministério das Comunicações

Junta Central de Portos

Junta Autónoma do Porto de Aveiro

Anúncio

Concurso público para arrematação da empreitada de

«Reconstrução de um armazém no porto bacalhoeiro»

Faz-se público que no dia 31 de Maio de 1960, pelas 15 horas, na sede da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, à Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110-2.º, em Aveiro, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá à abertura de propostas para a arrematação da empreitada acima mencionada, cuja base de licitação é de 142 578$50.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 3 564$50 (três mil quinhentos e sessenta e quatro escudos e cinquenta centavos), mediante guia passada pelo próprio concorrente, à ordem do Engenheiro-Director do Porto de Aveiro.

O projecto, o caderno de encargos e o programa do concurso estão patentes, na sede da Junta, todos os dias úteis, das 9.30 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas.

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

Aveiro e Junta Autónoma do Porto de Aveiro, 9 de Maio de 1960

O Vice-Presidente da Junta, em exercício

Manuel Branco Lopes

Rapariga para Escritório

PRECISA-SE

Nesta Redacção se diz

Vende-se

Toucado para Comunhão, completamente novo.

Nesta Redacção se informa.

FORÇA AÉREA

BASE AÉREA N.º 7

S. Jacinto — Aveiro

Conselho Administrativo

Venda de artigos de fardamento julgados incapazes

Torna-se público que no dia 25 do corrente, pelas 15 horas, se procederá à venda em leilão de artigos de fardamento incapazes (capotes, calças n.º 2, camisas, cuecas, lenços, toalhas, botas, etc.), com peso aproximado de 2 000 kg..

A entrega dos artigos só se fará depois de superiormente aprovada a venda.

Os adjudicatários entregarão, no acto da arrematação, a importância equivalente a 3% do produto da venda para pagamento de despesas de publicidade e outras, e mais 10% do valor dos artigos adjudicados como caução definitiva.

Base em S. Jacinto, 9 de Maio de 1960

O Presidente do Conselho Administrativo,

João da Cruz Novo

Maj. Pil. Av.

Terreno em S. Tiago

VENDE-SE, próprio para construção. Informa Manuel Valente — Banco Nacional Ultramarino — AVEIRO.

Secretaria Notarial de Aveiro

Certifica-se, para efeitos de publicação, que por escritura de quatro de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e seis, nas notas do Notário, que foi desta Secretaria, Dr. Artur de Morais Bettencourt, os sócios da Sociedade de Pesca de Arrasto de Aveiro, Limitada, alteraram os artigos Quinto e Sexto do pacto social, os quais passam a ter a seguinte redacção:

ARTIGO QUINTO: — Todos os sócios são gerentes, sem caução nem retribuição, mas a administração da sociedade e a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a pertencer a um Conselho de Administração, eleito em assembleia geral, composto por três elementos designados entre os sócios ou os seus representantes legais.

ARTIGO SEXTO: — Para que a Sociedade fique obrigada é necessário que os respectivos documentos se jam firmados, pelo menos, por dois membros do Conselho de Administração em exercício. E que, assim de harmonia com o deliberado na referida assembleia geral, têm por alterado os artigos Quinto e Sexto do pacto social, mantendo-se em tudo o mais o referido pacto.

Aveiro, 7 de Maio de 1960

O Ajudante de Secretaria,

Celestino de Almeida Ferreira Pires

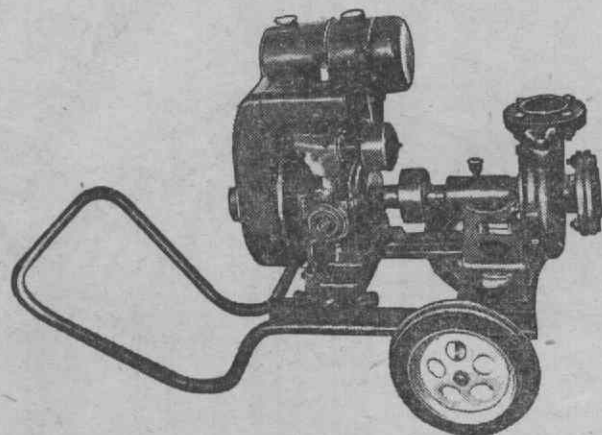
Empregada

Com conhecimentos de dactilografia e do serviço de escritório, precisa-se na GARAGEM CENTRAL, em AVEIRO.

PRECISAM-SE

Carpinteiros competentes

FERREIRA & MÓNICA

VAGOS

O Sporting de Aveiro oferece à cidade uma prenda inestimável

— um PAVILHÃO DE DESPORTOS

ENTREVISTA COM O DR. JOSÉ CLEMENTE

Pelo seu alto valimento e pela sua projecção, há iniciativas e empreendimentos cuja utilidade se torna desnecessário encarecer. Neste caso — e no campo do Desporto —, podemos afoitar-nos a incluir tudo aquilo que venha beneficiar as práticas atléticas, sabidamente carecidas dos mais indispensáveis meios de progresso. Faltam-nos ginásios, faltam-nos piscinas, faltam-nos estádios, faltam-nos pistas e recintos capazes, embora, por aqui e por além, se vá elogiàvelmente procurando suprir estas profundas brechas, autênticos cancros que atrofiam e que matam as chamadas modalidades pobres.

Possuindo largas tradições, pergaminhos honrosíssimos, no Desporto, Aveiro, no futuro, será um dos mais importantes centros do País, se aos seus desportistas se proporcionar um mínimo de condições propícias ao entreinamento e ao cultivo dos vários desportos. Presentemente — e repetidas vezes o temos feito notar nestas colunas — Aveiro não tem instalações desportivas à altura da sua importância e das suas prementes necessidades. E por isso é que nós — de certo com o uníssono coro das vozes de todos os desportistas aveirenses — rejubilámos com a notícia de que o operoso e jovem Sporting de Aveiro vai oferecer à cidade um Pavilhão de Desportos.

Aveiro tem de festejar exuberantemente este notável acontecimento. E só o fará condignamente acarinhando e auxiliando e empreendimento a que os «leões» aveirenses decidida e firmemente se abalançaram, no intuito de porem termo ao anacrónico património desportivo da cidade e acompanhar o progresso que ela respira e claramente evidencia, nos mais variados sectores da actividade humana.

Sobre o presente e momentoso assunto, decidimos entrevistar um dirigente do Sporting de Aveiro. E, assim, ouvimos o Dr. José Abílio dos Santos Clemente — antigo jogador de râguebi do Sporting e «leão» dos quatro costados, que foi director qualificado da Académica de Santarém e do Sporting de Aveiro, e que, actualmente, preside à Secção de Vela da prestigiada colectividade aveirense e à Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol.

Amàvelmente atendidos, a conversa, sempre com muito interesse, principiou, elucidando-nos desde logo o nosso interlocutor:

— A ideia do Pavilhão dos Desportos ocorreu-nos no ano findo, após o Sarau Ginástico que promovemos, no decurso das Comemorações do Milenário de Aveiro.

E justificando aquela afirmativa:

— Inicialmente, pensámos construir um ginásio, porque, em relação às possibilidades do Clube, é elevado o aluguer do recinto do Liceu, onde cerca de 150 jovens, de ambos os sexos, recebem proveitosas lições dos dedicados professores sr.ª D. Maria Helena Paulo e António José Castanho. Note que pela Secção, proficientemente orientada — nos mesmos moldes dos grandes clubes nacionais da especialidade — pelo incansável dirigente Fausto Castilho e assistida pelo distinto clínico Dr Eduardo Sousa Santos, passaram já mais de duas centenas de jovens, com inegável aproveitamento.

E, sem permitir qualquer interrupção, o Dr. José Clemente concluiu:

— Desde logo demos conta da nossa intenção aos srs. Director Geral dos Desportos e Governador Civil de Aveiro, que a acarinharam e nos encorajaram a prosseguir até à sua concretização. De resto, interessava-nos sobremaneira eliminar as incompatibilidades que existem entre os horários e obrigações escolares da maioria dos alunos das nossas classes e os períodos destinados à frequência dos cursos ginásticos. O assunto, de grande e geral interesse, foi apresentado até aos organismos superiores, e cremos que a sua solução bre-

Continua na página 6

ATLETISMO

Um título nacional para o GALITOS

Três dos quatro atletas com que o Galitos comparecera nas provas regionais, estiveram presentes, no sábado e domingo, no Torneio Nacional de Aspirantes em Atletismo, que se efectuou no Porto, como nestas colunas referimos. Competiram representantes dos melhores clubes nortenhos e sulistas, tendo estes marcado vantagem no confronto final.

No entando, um dos títulos que ficaram no Norte foi brilhantemente alcançado pelo «galito» Carlos Alberto Mateus de Lima, que ganhou de forma nítida, o *salto em comprimento*, pulando 6 metros. A seguir, postaram-se Guiseppi Fiorellini (C. D. U. L.) com 5.95 m; Mário Cardoso (Benfica), com 5.78 m.; António Fiorellini (C. D. U. L.); Artur Duarte (Benfica); e Nuno Magalhães (C. D. U. P.).

Nas outras provas em que intervieram, os aveirenses tiveram meritório comportamento. Nos *80 metros*, Carlos Fernando Oliveira

Continua na página 6

Carlos Alberto Mateus de Lima, em pleno esforço

INSÓLITO PROCEDIMENTO

Nas colunas do *Litoral*, e sempre que, com absoluta independência e isenção, o entendemos, criticamos este ou aquele técnico, este ou aquele dirigente, este ou aquele atleta, este ou aquele organismo, este ou aquele árbitro. Sempre, em todas as circunstâncias, o nosso procedimento foi correcto, vertical, honesto. Fazêmo-lo inteiramente à vontade, no pleníssimo direito que nos assiste na nossa missão de Crítico. Não contemporizamos com o que está mal ou imperfeito, porque desejamos o bem ou o perfeito.

Com frequência, ùltimamente, temos tido oportunidade de chamar à ordem determinados juizes aveirenses de basquetebol, cujo trabalho enferma de males profundos. Na linha de conduta que traçámos, e no intuito, que sempre nos anima, de criticar construindo, fomos ao ponto de sugerir novos métodos, de apontar o caminho que nos parece ser o melhor rumo a trilhar para a obtenção do fim em vista: o prestígio da arbitragem basquetebolística.

Pois bem: parece que o nosso procedimento está errado e que não agrada... É a conclusão a que, forçosamente, temos de chegar depois duma ocorrência verificada ao começo da tarde de domingo.

O caso é simples: na companhia de uns amigos — o Aspirante José Carlos

Continua na página 6

Torneio do Beira-Mar

Com a presença das turmas principais da Oliveirense, da Ovarense, do Recreio e do Clube organizador, o Beira-Mar promoveu no domingo um interessante *Torneio-Relâmpago* de futebol, que atraiu apreciável número de espectadores ao Estádio de Mário Duarte. A vitória final coube ao grupo aveirense, que, na verdade, foi o melhor dos conjuntos que evolucionaram no rectângulo. Dos encontros efectuados, registamos breves notas que, por absoluta falta de espaço, completaremos na próxima semana.

Beira-Mar, 4 — Ovarense, 0

Árbitro — Rui Paula. Fiscais de linha — Élio Pinto (bancada) e Carlos Neiva (peão).

BEIRA-MAR — Violas; Brito, Liberal e Evaristo; Sarrazola e Hassane Aly; Raimundo, Laranjeira (Mota), Calisto, Correia e Mota Veiga.

OVARENSE — Godinho; Soares, Teles e Carvalho; Pagola e Jaime (Ribeiro e Jaime); Conde, Artur, Santos Pepulim e Catalão.

Golos de *Raimundo* (7 m.), *Mota Veiga* (18 m.), *Sarrazola* (43 m.) e *Correia* (44 m.).

Recreio, 1 — Oliveirense, 1

Árbitro — Carlos Neiva. Fiscais de linha — Rui Paula (bancada) e Élio Pinto (peão).

RECREIO — França; Helder, Dario e Figueiredo; Aníbal e Girão; Dionísio (Carlos Alberto), Mota Carmo, Nobre, Vítor e Luís.

OLIVEIRENSE — Ferdinando; Pinho I, Pinho II e Armindo; Ives (André) e Costa; Correia, Valente, Soares (Santos I), Branca e Santos II.

Golos de *Nobre* (16 m.), pelo Recreio, e *Santos II* (42 m.) pela Oliveirense. Com esta igualdade, houve que recorrer ao desempate, por *penalties*. André fez três golos e Luís imitou-o... Na nova série, o médio oliveirense goleou por duas vezes, enquanto que o extremo aguedense apenas conseguiu um tento... A Oliveirense, assim, ficou apurada para a final.

Ovarense, 3 — Recreio, 0

Árbitro — Santos Pereira. Fiscais de linha — Simões da Fonte (bancada) e José Porfírio (peão).

OVARENSE — Godinho; Soares, Teles e Carvalho; Ribeiro e Jaime (Barbosa); Conde, Artur, Santos, Pepulim e Catalão.

RECREIO — França; Helder, Artur (Dario) e Figueiredo; Aníbal e Eugénio (Girão); Carlos Alberto, Mota Carmo, Raul (Dionísio), Nobre e Luís.

Golos de *Conde* (12 e 43 m.) e *Artur* (34 m.).

Beira-Mar, 1 — Oliveirense, 0

Árbitro — José Porfírio. Fiscais de linha — Santos Pereira (bancada) e Simões da Fonte (peão).

BEIRA-MAR — Violas; Hassane Aly, Liberal e Evaristo; Sarrazola e Ribeiro; Raimundo, Mota, Calisto, Laranjeira e Mota Veiga.

OLIVEIRENSE — Ferdinando (Carlos); Pinho I, Pinho II e Armindo; Costa e André; Valente, Branca, Santos I, Pires e Correia (Santos II).

Golo de *Mota* (19 m.), em recarga a grande penalidade apontada por Raimundo.

Regressa amanhã a II DIVISÃO NACIONAL

A vigésima quinta jornada dos dois mais importantes campeonatos nacionais de futebol vai interromper, amanhã, a série de domingos ùltimamente utilizados com jogos da Taça de Portugal, com o desafio Portugal-Jugoslávia e com... diversos encontros particulares. Os torneios oficiais a que aludimos encontram-se suspensos desde 10 de Abril findo — o que vem a traduzir-se num lamentável desaproveitamento de quatro domingos (incluindo neste número o dia de Páscoa). É possível, portanto, que muitos desportistas se hajam olvidado até da prova da II Divisão... E o certo é que os jogos que falta realizar são todos eles de importância quase decisiva para numeroso lote de clubes!

Amanhã, teremos:

Na Marinha Grande, MARINHENSE-SALGUEIROS (0-2). Em Peniche, PENICHE-UNIÃO (1-1). Em Espinho, ESPINHO-VILA REAL (2-2). Em S. João da Madeira, SANJOANENSE-BEIRA-MAR (0-2). Em Viseu, ACADÉMICO-OLIVEIRENSE (3-7). Em Chaves, CHAVES-VIANENSE (2-3). E, em Torres Vedras, TORREENSE-CALDAS (0-3).

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

RESULTADOS

O jogo Boavista-Sanjoanense foi adiado, e, nos encontros realizados, há que evidenciar a derrota do Guifões em Coimbra, o que vem dar novos alentos ao Galitos, que, vencendo a partida que tem em atraso, igualará os guifonenses e forçará a efectivação de uma *finalíssima*. Nos encontros de domingo, os resultados foram estes:

Subsérie A-1 — LEÇA, 47-FLUVIAL, 25, SPORTING FIGUEIRENSE, 31-ESGUEIRA, 30 e SPORT, 39-SALESIANOS, 24.

Subsérie A-2 — OLIVAIS, 60-GUIFÕES, 43 e GALITOS, 43-EDUCAÇÃO FÍSICA, 39.

Galitos, 43 — Educação Física, 39

Jogo no Rinque do Parque, perante numeroso público, e sob direcção dos srs. Narsindo Vagos e Manuel Bastos.

Os grupos apresentaram:

GALITOS — 18 cestas e 7 lances livres transformados em 13 tentados (53.84 %) — Albertino 4, Luís Rebelo 3, José Fino 13, Artur Fino 15, Arlindo 6, Júlio 2, José Luís Pinho e Calisto.

EDUCAÇÃO FÍSICA — 15 cestas e 9 lances livres transformados em 32 tentados (39.13 %) — Maia 5, Pacheco 4, Aguiar 15, Oliveira 10, Leonel 1 e Paiva 4.

A partida teve sempre interesse, embora, no aspecto técnico, não possa merecer nota alta. Sempre a vencer, depois duma inicial igualdade a 2 pontos, os aveirenses mereceram o triunfo final. Os seus elementos, no entanto, falharam amplamente na concretização, e apenas nalgumas explosões — como que *sprints* enérgicos, quando os nortenhos se aproximavam na marcação — lograram relativo acerto.

Ao intervalo: 20-16. Marcas intermediárias dignas de menção: 8-2, 16-14, 28-16, 35-32, 43-32 e 43-39.

A arbitragem não agradou.

Sporting Figueirense, 31 — Esgueira, 30

Jogo na Figueira da Foz, sob arbitragem dos srs. António Baptista e Alexandre Paiva, de Coimbra. Os grupos apresentaram:

SP. FIGUEIRENSE — Carlos Neto 2, Jacques 5, Lopes 3, Monteiro 19, Loureiro 2 e Manuel Neto.

ESGUEIRA — Raul 2, Vinagre 2, Manuel Pereira 2, Valente 15, Américo 9, Júlio e Ravara.

Os esgueirenses foram derrotados com o seu quê de surpresa, ainda que só tenham cedido tangencialmente.

Provas de VELA

A Secção Náutica da Associação Desportiva Ovarense, associando-se às Comemorações Henriquinas, elaborou, para a presente época, um interessante programa de competições náuticas, que, oportunamente, nos merecerá mais referências.

Iniciando-o, e assinalando a passagem do seu primeiro aniversário, a Ovarense organizou, nos passados sábado e domingo, no Carregal, uma prova para *moths* — o TORNEIO ANIVERSÁRIO —, composta por três regatas, que reuniram a presença de onze velejadores. Encontravam-se represetados, além do organizador, o Clube Naval de Aveiro e o Sporting de Aveiro, que não se apresentou com o seu mais

Segue na página 6

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — SAÚDE. Domingo — OUDINOT. Segunda-feira — MOURA. Terça-feira — CENTRAL. Quarta-feira — MODERNA. Quinta-feira — ALA. Sexta-feira — MORAIS CALADO.

Santa Casa da Misericórdia
Aveiro

Acção hospitalar em 1959

Internamento	
Pobres e porcionistas	1 472
Pensionistas	380
soma	1 852
Dias de hospitalização	26 740
Média diária	73,1
Demora média	14,4
Cirurgia	
Operações de grande cir.	649
« de pequena cir.	257
S. Aux. Diagnóstico e Terapêntica	
Raios X	1 479
Agentes Físicos	3 130
Análises Clínicas	8 249
Electrocardiogramas	232
Sangue (litros)	109
Banco	
Serviços urgentes	1 057
Consultas Externas	
Clínica Médica	1 952
« Cirúrgica	3 059
« Pediátrica	6 305
Ortopedia	902
Cardiologia	895
Oftalmologia	761
Oto-rino-laringologia	879
Ginecologia e Obstret.ª	1 117
Urologia	93
Psiquiatria	723
soma	16 686
Média diária	53,3
Tratamentos, injecções e pequenas intervenções	23 984
Média diária	76,6

Encargos

Com a assistência desenvolvida investiram-se cerca de 1 940 contos. E, com obras novas, 1 013 contos.

Pela Câmara Municipal

Homenagem ao antigo Governador Civil de Aveiro, sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães

A sessão solene de homenagem, com a entrega da Medalha de Ouro da Cidade ao sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, antigo Governador Civil do Distrito, anunciada para o dia 22 do corrente, foi transferida para o dia 16 de Junho próximo, pelas 15 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho.

Oportunamente será publicado o respectivo programa.

Votos de pesar e saudade

Na sua reunião de 6 do corrente, a Câmara Municipal aprovou: um voto de pesar pelo falecimento da sr.ª D. Elvira Ala Cerqueira, mãe do publicista, dedicado aveirense e cooperador do Município Eduardo Cerqueira; e um voto de saudade e homenagem à memória do antigo e prestimoso Vereador sr. Ricardo Pereira Campos Júnior, a propósito da passagem do primeiro aniversário do seu falecimento.

Novo Cemitério

Verificadas a carência de espaços livres para enterramentos no Cemitério Central e no Cemitério Sul e a impossibilidade ou a inconveniência do alargamento destes cemitérios, encetaram-se os trabalhos preparativos da construção do Cemitério Norte, previsto no esboço do anteplano de urbanização para as terras de entre a Estrada Nova do Canal e as vias férreas do Norte e do Canal de S. Roque.

Conjuntamente, estuda-se a rua de acesso ao cemitério e ao bairro rural das Agras do Norte.

Depósito de lixos na cidade

Terminou o depósito de lixos no terreno municipal junto do Cemitério Sul, passando os lixos para um depósito, de carácter provisório, localizado no extremo ocidental do Campo da Feira dos 28.

A CIDADE

Palácio da Justiça

De acordo com o despacho, de 29 de Abril findo, do sr. Ministro da Justiça, a Câmara, mediante concurso, adjudicou por 117 051$00, a uma firma do Porto, a empreitada de impermeabilização e isolamento térmico do terraço de cobertura do Palácio da Justiça, autorizando o seu Presidente, sr. Dr. Alberto Souto, a outorgar no respectivo contrato.

Urbanização

A Câmara adquiriu à família do falecido António Vicente Ferreira um velho prédio de casas, situadas entre as ruas de José Rabumba (antiga Rua das Barcas) e de Homem Christo, Filho (antiga Rua de Santo António), e mandou demoli-lo para formação de uma praceta, necessária à regularização do trânsito e à ligação daquelas ruas com a Rua da Arrochela.

Transportes Colectivos

A Junta de Freguesia de Aradas representou ao sr. Ministro das Comunicações, pedindo a rápida solução do problema dos transportes rodoviários daquela importante freguesia com Aveiro, por meio de autocarros dos Serviços Municipalizados da Câmara, visto as empresas particulares não satisfazerem as necessidades da população dos quatro lugares daquela freguesia, cada vez mais relacionada com a cidade pelos seus afazeres quotidianos.

Pela Capitania

Movimento marítimo

● Em 5, do alto mar, entrou a barra o rebocador «Monsanto», que, na mesma data, e rebocando o navio-tanque «Cláudia», regressou a Lisboa.

● Em 6, procedente de Setúbal, com um carregamento de 80 toneladas de cimento, entrou o galeão a motor «Praia da Saúde».

● Em 8, com destino ao Porto, saiu o galeão a motor «Praia da Saúde».

● Em 9, procedente de Antuérpia, com 289 toneladas de ferro e 903 toneladas de carga geral, entrou o barco alemão «Eifel».

● Em 10, vindos de Lisboa, demandaram a barra o rebocador «Monsanto» e o navio-tanque «Cláudia», com 770 toneladas de gasolina pesada.

Exibição de filmes científicos

Promovida pelos Serviços de Propaganda dos *Produtos CIBA, Limitada,* de Lisboa, representantes em Portugal dos conhecidos laboratórios suíços CIBA S. A., de Basileia, realizou-se no pretérito sábado, pelas 21.30 horas, no Restaurante Galo d'Ouro, uma sessão cinematográfica em que foram exibidos filmes científicos exclusivamente destinados à classe médica.

Encontravam-se presentes numerosos médicos de Aveiro e da nossa região, que interessadamente seguiram a projecção das excelentes películas exibidas — «Conduta a seguir perante um hipertenso jovem», «Técnica da histerectomia abdominal segundo Aldridge» e «Uma fábrica a trabalhar».

No final da sessão, o Chefe dos Serviços de Propaganda dos Produtos CIBA, sr. Alberto Sousa, obsequiou todos os clínicos com um finíssimo e bem servido beberete.

Pela Mocidade Portuguesa

Comemorações do «Dia do Lusito»

Nas várias alas da M. P. do Distrito foi comemorado, no penúltimo domingo, o «Dia do Lusito», com a participação de todas as escolas e postos masculinos e mistos.

Em Aveiro, realizou-se, de manhã, missa na igreja da Misericórdia, tendo o celebrante, Rev.º Padre Mário Sardo, proferido uma homilia apropriada. Após esta cerimónia os lusitos reuniram-se no ginásio da Escola Industrial e Comercial, onde assistiram a uma sessão cultural, preenchida com filmes didácticos e recreativos.

Os filiados do concelho da Murtosa concentraram-se de manhã na Torreira onde assistiram a uma missa campal. A' tarde, teve lugar uma sessão cultural na qual se fez ouvir o grupo coral das escolas da Torreira e se apresentaram algumas classes de ginástica infantil.

A's cerimónias realizadas nos concelhos de Aveiro e Murtosa assistiu o Delegado Distrital da M. P., sr. Dr. Fernando Marques, encontrando-se também presentes diversas entidades locais, professores e dirigentes da M. P..

X Concurso do Trabalho

Com a participação de cerca de três dezenas de jovens operários e estudantes, iniciaram-se na quarta feira, 11 do corrente, e terminam hoje, nas oficinas da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, as provas regionais e distritais deste Concurso.

Estiveram representadas, nas modalidades de fresadores, torneiros e serralheiros mecânicos, serralheiros artísticos e civis, soldadores, electricistas-instaladores, bobinadores e carpinteiros, os seguintes empresas e escolas: *Companhia Portuguesa de Celulose, Metalo-Mecânica, L.da, Paulo Dias e Filhos, L.da, João Nunes da Rocha* — todas de Aveiro; e *Ampr. de Oliveira de Azeméis;* e as *Escolas Industriais e Comerciais* de Aveiro, Oliveira de Azeméis e Águeda.

Agradecimento

Claudino Quintino Ribeiro
Funcionário de Finanças

Sua esposa e filhos e demais família vêm por este único meio e muito sensibilizados, agradecer a todas as pessoas que, de qualquer modo, os acompanharam na sua dor.

MISSA DE SUFRÁGIO

Tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira

Sua Família pede às pessoas amigas que assistam à missa do primeiro aniversário do seu falecimento, a celebrar às 18.30 horas de segunda-feira, 16 do corrente, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

Hospital da Santa Casa da Misericórdia

Com a presença de vários elementos da Mesa da Santa Casa da Misericórdia e de representantes da Imprensa, realizou-se, na tarde de segunda-feira, naquele estabelecimento de assistência, uma reunião, durante a qual o Provedor da Misericórdia, sr. João Nunes da Rocha, deu conhecimento de diversas notícias relacionadas com a próxima inauguração do novo bloco hospitalar aveirense.

Oportunamente, nestas colunas voltaremos a fazer mais desenvolvida referência ao importantíssimo problema, até porque, antes da entrada em funcionamento do pavilhão, prevista para 13 do próximo mês de Junho, haverá, em 6 do referido mês, uma visita de Imprensa às novas instalações, que primitivamente se destinavam a um pavilhão para tuberculosos e doentes infecto-contagiosas.

Trata-se de um edifício de quatro pisos, que a Mesa da Santa Casa, enquanto não é construído o novo Hospital Regional, resolveu aproveitar para a instalação de diversos serviços hospitalares, que ficarão assim distribuidos:

Quartos particulares de 2.ª e 3.ª classe, para dez doentes, no primeiro piso; quartos particulares de 1.ª classe, para seis doentes, no segundo; enfermaria para mulheres, com cinquenta camas, no terceiro; e enfermaria para homens, também com cinquenta camas, no quarto. No corpo hospitalar ocupado com os actuais quartos particulares, ficarão instalados serviços de pediatria e de medicina para mulheres, com dezanove e dez camas, respectivamente.

Com esta orientação, a Mesa da Santa Casa aumentou sensivelmente a capacidade do Hospital (cerca de cinquenta camas mais, para já), que ficará com melhores possibilidades de internamento logo que possa ser renovada a agora chamada zona velha do edifício, onde serão instalados os serviços externos e de administração da Misericórdia, além do previsto Banco de Sangue.

O sr. João Nunes da Rocha informou ainda que o sr. Presidente da Câmara prometera mandar proceder a conveniente ajardinamento dos terrenos da cerca do Hospital, pelos competentes serviços camarários, que, de futuro, ficarão com o encargo da sua conservação.

D. João V e Santa Joana

Continuação da primeira página

dirigiu-se à igreja das Carmelitas — onde entraram as venerandas relíquias de Santa Joana — e recolheu ao coro baixo do Mosteiro.

Precediam-na danças, charamelas e trombetas.

A' frente ia a comunidade de S. Domingos, agora mais numerosa por terem acorrido muitos religiosos de vários conventos do Reino.

Seguiam-se os frades de Santa Teresa, os Capuchos, os nobres e os eclesiásticos da vila, e logo cerca de quinhentos clérigos das vizinhanças.

Alçava-se então a cruz da Sé, acompanhada pelo Cobido, seguindo-se os cantores de Coimbra, com os músicos da Capela Real, que entoavam hinos e salmos.

Vinha depois o pálio, a cujas varas pegavam seis cavaleiros do hábito de Christo, e sob ele um riquíssimo andor com as relíquias da Santa Princesa, conduzido aos ombros de quatro abades mitrados.

A' sua passagem, a Infantaria, colocada em duas alas ao longo das ruas, salvava com repetidas descargas.

Atrás do pálio seguiam o Bispo de Coimbra e os seus acólitos, o Senado Municipal e tamanha multidão de povo que as justiças não podiam contê-la.

Se o brilho das cerimónias se ficou devendo, em grande parte, à generosidade de El-Rei D. João V, não foi esta, como já veremos, a única mercê que Sua Magestade houve por bem conceder às religiosas do Convento de Jesus, empenhadas na difusão e esplendor do culto de Santa Joana.

Em 1746, a Madre Prioresa D. Arcângela Maria do Baptista, em nome da comunidade, suplicou à Sagrada Congregação dos Ritos a expedição das ordens necessárias para se organizar o processo de canonização da bem-aventurada Princesa-Infanta.

Porque tivesse solicitado de D. João V «o seu real patrocínio e ajuda de custo», como alguns se diz, ou porque o monarca espontâneamente se dignasse proteger a causa, a verdade é que, tão depressa quanto possível, o Rei Magnânimo se envolveu no piedoso negócio com tal empenho que sobre ele mandou escrever ao seu ministro na Cúria Romana.

A instâncias suas se expediram, em 17 de Dezembro de 1746, letras remissórios e compulsórias, válidas por dois anos, ao Bispo-Conde D. Miguel da Anunciação.

Por justo impedimento do prelado, não foi possível executá-las no tempo prescrito, pelo que o Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Frei António Bremond, em Dezembro de 1748, alcançou da Santa Sé que o prazo fosse prorrogado por mais três anos.

Feitas as nomeações impostas e os demais convenientes, deu-se início ao processo, por suas múltiplas e melindrosas diligências compreensivelmente moroso, até que, para se proceder ao exame das relíquias, se tornou necessário abrir o magnífico túmulo em que se guardavam.

Para isso recorreu o procurador da causa, Frei Inácio do Amaral —, qualificador do Santo Ofício, examinador das Ordens Militares e reitor do Colégio de S. Tomás — a Sua Magestade El-Rei D. João V.

Por carta de 18 de Maio de 1750, dirigida a D. Miguel da Anunciação, o soberano, muito pronta e gostosamente, concedeu a necessária licença para a abertura do riquíssimo sarcófago, acto a que se procedeu no dia 1 de Junho seguinte, com toda a reverência e solenidade.

Não cabe no tema desta rememoração o pormenorizado relato das cerimónias e júbilos a que deu origem o exame das relíquias, e que ficaram constituindo uma das mais comoventes provas tributadas pelos aveirenses à sua celeste Padroeira. Registamos apenas que D. João V, com o interesse manifestado e as facilidades concedidas quando se organizava o processo de canonização — para cujas despezas contribuiu com a apreciável soma de 2.600$000 réis — uma vez mais distinguiu com a sua benevolência o Convento de Jesus e reafirmou a sua muita devoção pela gloriosa Princesa.

António Christo

O Coral Polifónico FOLLAS NOVAS vem a Aveiro

Por iniciativa da Casa do Minho, o magnífico Coral Polifónico «Follas Novas», da Corunha, dá no nosso País uma série de audições, visitando Aveiro na próxima terça-feira, dia 17. O notável conjunto galego, que ostenta o nome de um dos mais célebres livros da imortal poetisa Rosalia de Castro, possui um esplêndido Conjunto de Baile, à frente do qual se encontra a famosa bailarina e coreógrafa Mariza Armesto; e dispõe também dum imprescindível núcleo de instrumentistas tradicionais, com a notável singularidade de ter como gaiteiro um artista como Emílio Corral, que conquistou o Prémio Internacional de Gaita-de-foles do afamado Concurso de Langollen, no País de Gales.

O espectáculo, verdadeiramente folclórico e de real merecimento, realiza-se, com início às 21.30 horas do mencionado dia, no Cine-Teatro Avenida, cuja empresa é digna dos maiores encómios pela sua arrojada e louvável iniciativa.

Na realidade, Aveiro vai ter o ensejo de ouvir as *foliadas* — como nos terreiros e nos soutos; os *arrolos* — que são canções de embalar; as *regueifas* — cantigas com que esse pão se disputa; as canções de *seitura* — que são as das ceifas; as *enchoyadas* — despiques de namorados; e ainda a galharda *muiñeira*, a galante *ribeirana*, a *gota* bravia e a *pandeirada* jubilosa. É toda a alma arcaica e rural da Galiza que vai chegar até nós, melancólica ou satírica, doce ou resignada, contemplativa ou festivamente romeira. São imagens da sua paisagem as que nos vão visitar: sumos campestres, perfumes de pinhal, azuis de rias, carícias de prados, ondas da montanha, espumas marinheiras, névoas misteriosas...

Crónicas Alegres

Continuação da primeira página

num bloco de notas perfumado, com bonita lapiseirinha à dependura, desses que as intelectuais da nossa praça costumam trazer numa afiambrada maleta de pele de cangurú... Escreve em papéis emporcalhados, sebentos papéis que lhe transmitem uma noção quase física do homem e da vida. Resultado — um sublime diário, comparável às obras-primas dos mestres e logo perseguido pelo olho comercialão dos editores. Depois de o catarem meticulosamente, com a eficiência profissional que v. lhes conhece, os críticos embasbacaram, tiraram o chapéu:

«Não há dúvida — a fulana é um génio!».

Pois é. E porque o dito génio se criou na sujidade, no estrume, como as boas favas e os gordos batatais, eu atrevo-me a propor que todos vós — romancistas, poetas, repórteres e quejandos manobreiros da caneta — sejam imediatamente despojados de qualquer conforto material e introduzidos numa espécie de campo de concentração. Um lugar onde se escreva à luz do azeite e em restos de cartucho, com penas de pato e borras de café, guardando permanente abstinência das comodidades elementares. Fato de ganga, joelheiras no fio, pé descalço, piolhos. Nada de abluções. Comer — o indispensável.

No seu caso particular, prezado amigo, a solução afigura-se-me extremamente viável. Aveiro, cidade pujante, bêbada de sol e de progresso, ainda não nos ofereceu uma negra genial; mas tem, para já — e ao contrário doutras cidades presentemente civilizadas — um promissor e bem apetrechado «bairro da lata»...

Transfira-se para lá — e mãos à obra!

Um abraço do dedicadíssimo

Zózimo Pedrosa

Continuações da página três

Um Pavilhão de Desportos em Aveiro

vemente virá, a contento de todos.

Feita esta elucidativa explicação, formulámos uma pergunta:

— É certo, portanto, que o Sporting de Aveiro pensa a sério na edificação de um Pavilhão de Desportos?

— Mas, absolutamente! A nossa colectividade, partindo da base inicial de um projectado ginásio, vai abalançar-se à construção de um Pavilhão de Desportos. Intentamos conseguir um recinto com todos os modernos requisitos, ao nível das necessidades da cidade. A Direcção do Clube, com o incondicional apoio do Chefe do Distrito, que a acompanhará a Lisboa, brevemente completará, com uma visita oficial aos srs. ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas, as démarches preparatórias que vem efectuando, com resultados francamente animadores e encorajantes.

E o diálogo prolongou-se, recaindo a conversa sobre a localização do futuro recinto desportivo. Disse-nos o Dr. José Clemente:

— Pretendemos, òbviamente, um local quanto possível próximo do centro citadino. E temos a certeza de que a Câmara Municipal, quando lhe for feita a petição, estudará o assunto com todo o interesse e desejo de encontrar uma solução agradável. De resto, esperamos igualmente que o Município nos facilite a aquisição do indispensável terreno, já que a obra é de real interesse local.

E após uma pausa:

— Na realidade, destinando-se essencialmente para a ginástica e para a preparação física dos atletas das nossas restantes modalidades (e o Sporting de Aveiro não irá cultivar qualquer dos chamados desportos de salão, confinando a sua actividade ao atletismo, à ginástica, à pesca, ao ténis, ao tiro e caça e à vela e motonáutica), o Pavilhão dos Desportos será facultado a todas as agremiações citadinas, que poderão utilizar as suas instalações para treinos, para jogos e para festivais, mediante, claro está, acordo com o Sporting aveirense.

Esclarecido este ponto, sem dúvida de muito interesse, quisemos saber alguma coisa sobre as características do recinto. E logo o nosso entrevistado nos elucidou:

— Quanto neste momento posse dizer é bem pouco, uma vez que não se encontra ainda elaborado o projecto do Pavilhão. No entanto, sempre referirei que a obra se fará por três fases. Primeiro, ficará concluído o recinto — desde logo coberto —, com as indispensáveis instalações sanitárias e higiénicas, um mínimo de comodidades para o público e ainda um completo equipamento ginástico. Seguidamente, construir-se-á a arquibancada. E, por fim, serão edificados diversos anexos, sob a estrutura das bancadas, e proceder-se-á aos derradeiros acabamentos do Pavilhão.

— Qual a lotação prevista? — interrompemos.

— Em princípio, contamos com uma capacidade de 5 000 lugares sentados.

— Claro que a obra é dispendiosa. Como conseguirá o Sporting de Aveiro fazer face aos enormes encargos que vai assumir?

— Além do imprescindível auxílio financeiro das entidades oficiais, com que contamos em absoluto, esperemos que todos os desportistas aveirenses contribuam para esta obra, tanto quando para tal forem solicitados, como apoiando, com a sua presença, uma série de iniciativas que a seu tempo tornaremos públicas.

Para já, e desvendando uma pontinha do véu, posso dizer-lhe que registámos o oferecimento do Sporting para um jogo de futebol em Aveiro, nos princípios da próxima temporada. E contamos ainda com a receita de um espectáculo de variedades, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, com a graciosa colaboração dos maiores nomes da rádio, da T. V. e do teatro ligeiro. Haverá, também, um apelo aos sportinguistas de todo o Império, e, certamente, esta campanha dará excelentes resultados.

Entretanto — disse-nos a concluir o Dr. José Clemente — *estão a constituir-se diversas comissões destinadas à angariação de fundos para o Pavilhão de Desportos. Teremos a Comissão de Honra e a Comissão Executiva, que agregará os prestimosos componentes das Comissões de Propaganda, de Imprensa, de Angariação de Fundos (Comércio, Indústria e Agricultura), de Materiais, de Mão de Obra, de Festivais e ainda a Comissão Técnica.*

Insólito Procedimento

de Almeida Gorgulho dos Santos e o antigo basquetebolista do Galitos João Carvalho —, passeávamos, despreocupadamente, no Parque, quando cruzámos com a *dupla* que, momentos antes, dirigira o encontro Galitos-Educação Física do Norte. Ao nosso cortês cumprimento de «boas tardes», sòmente o sr. Narsindo Vagos respondeu no mesmo tom; o seu colega, sr. Manuel Bastos da Madalena, descabida e insòlitamente, proferiu umas tantas obscenidades, que rematou, ante o nosso pasmo, com estas palavras: «se tivesse vergonha, nem falava!»

Será fantasia tudo isto? Inverosímil, inédito, inqualificável — será, mas acima de tudo perfeitamente verdadeiro!

Nenhum rancor ou má-vontade nos move contra tal senhor. Sabêmo-lo antigo desportista, nem sempre exemplar; e sabêmo-lo agora virado em árbitro, de inegáveis recursos técnicos, mas a maioria das vezes infeliz ou... incompreendido... Pois não é bem certo que o sr. Manuel Bastos da Madalena é indesejável em S. João da Madeira, em Sangalhos, em Ílhavo, em Aveiro e em Esgueira, sòmente para referir localidades do Distrito?

E nada mais. Apenas registamos o facto, para ele chamando a esclarecida atenção das entidades responsáveis.

Quanto às incorrecções e incivilidades, o pior mal é de quem as pratica.

BASQUETEBOL

Feminino

Galitos, 15
Educação Física, 3

No anunciado jogo entre as equipas femininas dos clubes de Aveiro e Senhora da Hora, que precedeu o encontro oficial a que atrás nos referimos, as turmas, sob arbitragem de José Nogueira Martins, apresentaram:

GALITOS — Ivone Pimenta, Irene Antunes, Maria de La Salette 4, Graciete Fino 10, Natércia Pinheiro 1, Carmem Pereira e Liliana Limas.

EDUCAÇÃO FÍSICA — Conceição Almeida, Fernanda Coimbra, Carmem Piedade 1, Arminda Abreu, Maria Cidália 2, Aduina Moura e Silvia Abreu.

A partida foi agradável, sobretudo após o intervalo, que chegou com a marca em 4 a 2. As aveirenses mereceram o triunfo que conquistaram, por terem insistido mais — e melhor — na ofensiva.

ATLETISMO

ficou em 3.º na sua eliminatória, e Paulo Reis conquistou sòmente o 6.º lugar na sua série — pelo que ambos não se qualificaram para a final. Diga-se, porém, que Carlos Oliveira cortou o fio de chegada no mesmo tempo do sportinguista José Jaguité... No *salto em altura*, Carlos Alberto Mateus de Lima, campeão nortenho, teve de se contentar com um quarto posto. A' sua frente ficaram o portista Jorge Espinheira, que saltou 1,65 m.; o sportinguista Joaquim Couto, com a mesma marca; e António Fragoso, da Académica de Santarém, que pulou 1,60 m.. Mateus de Lima saltou 1,60 m..

VELA

qualificado atleta (o campeão nacional e regional Eng.º Mateus Augusto dos Anjos).

As regatas, corridas com vento razoável, proporcionaram luta entusiástica e cerrada, que tornou completo o agrado do numeroso público que a elas assistiu. Sòmente é pena que o braço da Ria do Carregal, devido à sua pouca largura e à existência de muito moliço, não permita a realização — em boas condições técnicas — de regatas de maior envergadura, o que viria contribuir para o desenvolvimento da emotiva modalidade.

A classificação final ficou assim estabelecida: 1.º Adelino Coelho (Sp. de Aveiro), 27 pontos; 2.º José Luís Archer (C. Naval), 25,25; 3.º Bernardino Silva (Ovarense), 23,25; 4.º Jorge Bonifácio (Ovarense), 22,25; 5.º João Ventura Gamelas (Sp. de Aveiro), 21; 6.º Paulo Estrela Santos (Sp. de Aveiro), 16; 7.º João da Silva Borges (Ovarense), 13; 8.º Manuel Pereira Duarte (Ovarense), 6; 9.º José Luís Archer, Filho, (C. Naval), 5.

Por frotas, o Sporting de Aveiro foi o vencedor, conquistando a «Taça Secção Náutica da A. D. O.».

Xadrez de Notícias

Na penúltima quarta-feira, nesta cidade, realizou-se o segundo desafio de basquetebol entre os cincos representativos do Liceu de D. João III, de Coimbra, e do Liceu de Aveiro. Desforrando-se da derrota sofrida no primeiro jogo (30-33), os aveirenses ganharam agora por 33-28.

Recebemos o número quatro, referente a Abril findo, do Boletim da Associação Portuguesa da Classe Internacional «Moth», publicação dirigida pelo desportista José Sucena Pinto.

Os futebolistas aveirenses Calisto, do Beira-Mar, Mendes, do Estarreja, Santos I, da Oliveirense, e Horácio, da Sanjoanense, foram incluídos no grupo da II Região Militar, que venceu brilhantemente o Campeonato Nacional, ao derrotar, na final, a forte equipa do Governo Militar de Lisboa. O jogo realizou-se em Coimbra, na penúltima sexta-feira, e terminou com a marca de 3-0 — tendo Calisto assinado todos os tentos.

Nas subséries nortenhas do Campeonato Nacional da II Divisão, em basquetebol, encontram-se em atraso os seguintes desafios: Leça — Salesianos, Sanjoanense — Educação Física, Olivais — Galitos e Sanjoanense — Boavista. No entanto, sòmente a partida de Coimbra se reveste de interesse, no concernente aos postos de honra.

A Federação Portuguesa de Basquetebol acaba de marcar para amanhã, de manhã, os jogos Sanjoanense — Educação Física e Olivais — Galitos, realizando-se os outros encontros no dia 22.

Brevemente, serão apresentadas, no Estádio de Mário Duarte, as escolas de infantis do Beira-Mar, que, ao que nos dizem, contam com bom número de promissores futebolistas.

Estudos de interesse local

A revista *Brotéria*, no seu número de Maio corrente (vol. LXX, n.º 5), refere-se a três estudos de particular interesse local, últimamente publicados pelos escritores aveirenses Dr. Francisco Ferreira Neves e Dr. António Christo, nos seguintes termos:

NEVES, Francisco Ferreira. — O Processo informativo de 1687 para a beatificação e canonização da Princesa Santa Joana, Filha do Rei D. Afonso V. — Folh. de 170 × 245 mm. e 84 págs. Sep. do vol. XXV do «Arquivo do Distrito de Aveiro». Aveiro, 1959.

Depois de *O primeiro processo de beatificação e canonização da Princesa Santa Joana, Filha do Rei D. Afonso V*, Ferreira Neves edita agora o processo informativo, instruído pelo Bispo de Coimbra D. João de Melo, em 1687, e cujo original o editor possui. Depois de o lugar ao processo de 1626 que ficara em suspenso e relatar as diligências feitas para retomar a causa em 1686, explicam-se brevemente os modos de beatificação de um servo de Deus e descreve-se depois o caminho percorrido na instrutória de 1687. Há uma novidade nessa instrutória, de que nós próprios, que miùdamente estudámos o assunto e em breve o daremos à publicidade, não tínhamos notícia: um processo informativo realizado no Porto de que a própria Congregação dos Ritos parece não ter tido conhecimento, provàvelmente por qualquer falta de interesse nos interrogatórios feitos, que nada esclarecem ou adiantam para o prosseguimento da causa. Foi feito em tempos de D. João de Sousa, desde 25 de Fevereiro de 1687 até 24 de Setembro de 1688, sendo trasladado a 19 de Novembro desse mesmo ano e enviando-se o original para Aveiro, a 8 de Dezembro.

Francisco Ferreira Neves transcreve este processo, omitindo algumas partículas já conhecidas do *Memorial* da Santa Princesa, editado por A. Rocha Madahil, antecedendo-o (págs. 1-26) de uma análise do códice e do andamento do processo, que teve outros complementares até à beatificação e tentativa posterior de canonização, que não chegou a termo.

É óbvio o interesse deste documento para a história do culto da Santa Princesa e para a história local de Aveiro, por intimamente ligada a esse culto.
— G. S.

CHRISTO, António — 1) Jesuítas aveirenses. — Folh. de 210 × 280 mm. e 40 págs. Braga, 1959. 2) Francisco de Paula de Figueiredo, notável poeta e orador do século XVIII. — Folh. de 210 × 280 mm. e 40 págs. Braga, 1959.

1. António Christo tem consagrado à história local de Aveiro um carinho muito de louvar. O amor da nossa terra exprime-se pelo amor das suas pessoas e das suas coisas. Nestas páginas, de elegante impressão, coligiu ele as memórias de 10 jesuítas, ilustres na história religiosa de Portugal e da sua expansão ultramarina: José de Abreu, Francisco Álvares, Ambrósio Correia, Diogo Gomes, José Henriques, Diogo Medela, Luís Pinheiro, Francisco dos Santos, António da Silva e Gonçalo de Sousa. Vão dos meados do século XVI ao século XX. A cada biografia juntou o biógrafo uma pequenina nota bibliográfica que muito valoriza as notícias dadas e é sempre útil a quem desejar mais amplas informações.

2. A segunda plaqueta é consagrada em mais desenvolvidos termos a outro ilustre aveirense que bem o merecia: o poeta e orador sacro do século XVIII P. Doutor Francisco de Paula de Figueiredo, nascido no último quartel de setecentos (11 de Novembro de 1768) e morto no Porto no decorrer do século XIX (23 de Setembro de 1803).

António Christo, depois de uma curta notícia biográfica, enumera a sua produção poética.

Publicou, também, um volume de sermões e fez parte da Arcádia Conimbricense. Entre as suas composições poéticas, avulta pelo interesse o poema herói-cómico *Santarenaida*, cujo valor, na história literária do século XVIII, António Christo põe em foco. Como orador, Figueiredo teve grande voga no seu tempo. Os seus trenos à decadência económica de Aveiro têm um longínquo aceno de Jeremias patriótico. Contra o veio do tempo, manteve-se singelo, claro e prático, na sua parenese apostólica. O mais célebre dos seus panegíricos foi o que dedicou à Santa Princesa.

Sob o ponto de vista linguístico, Figueiredo tem a nota peculiar de ter usado a ortografia sónica preconizada por Luís António Verney. Esta memória termina com uma nota bibliográfica muito apreciável para os historiadores da literatura regional. — *D. M.*

Registamos com prazer as apreciações da conceituada revista, subscritas por um dos seus mais abalizados críticos, o Rev.º Padre Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos.

É-nos muito grato ver confirmada a notícia, já transmitida aos nossos leitores, de que este ilustrado sacerdote e eminente historiógrafo dará em breve à publicidade o seu minucioso estudo sobre Santa Joana Princesa e o Convento de Jesus.

Sobre a venda de pescado na LOTA DE AVEIRO

Considerações de Rui Campos

As considerações que assinámos publicadas no «Litoral», acerca das vendas do pescado na Lota de Aveiro, trouxeram até nós uma representação da classe piscatória de S. Jacinto, da chamada pesca do rio.

Desnecessário se torna focar os idênticos inúmeros benefícios que provêm da sua actividade — esta mais pobre e mais modesta — a pesca da «mujiganga».

São estes os pescadores que lavram a nossa Ria e que trazem até nós as inúmeras variedades de peixes, que nela vivem, mantendo o regionalismo local tão querido dos aveirenses e tão apreciado pelos forasteiros.

Pois bem:

Também esta classe se sente prejudicada com as modificações operadas na venda do seu pescado, após a entrada em funcionamento do núcleo portuário da J. A. P. A., que tantos benefícios vem trazendo à nossa cidade.

Provêm, no entanto, os seus prejuízos de causas muito diferentes das que apontámos quanto à pesca da sardinha, mas que, de igual modo, julgamos fàcilmente solucionáveis.

A venda do chamado «peixe-do-rio», bem como a do chamado «peixe-do-vapor», era feita no Mercado de José Estêvão (Praça do Peixe).

Ali se dirigiam as donas de casa aveirenses, para fazer as suas aquisições a «lanço», em igualdade de condições com as regateiras e com outros compradores-revendedores.

Mesmo a horas tardias, sempre acorria à chegada das bateiras uma procura compensadora, que permitia a valorização regular do peixe o que equivale a um regular salário, a um regular sustento do seu agregado familiar, quase sempre numeroso.

Sucede que, com a imposta transferência das vendas para a Lota, aquela procura, de que o pescador tanto carecia, reduziu-se a menos de cinquenta por cento.

As donas de casa, por ser longa a deslocação, deixaram de comparecer às vendas na Lota, e as regateiras e os compradores-revendedores quase sempre fazem manter o custo das vendas, de modo a beneficiarem os seus interesses.

Não nos parece que o peixe seja vendido depois, como é, no Mercado da Praça do Peixe, ao consumidor, por preços que correspondam à sensível redução do seu custo, pois não somos conhecedores de qualquer baixa operada após o começo desta prática.

Podemos, pois, dizer que a mesma se reflecte também nos orçamentos de todos os consumidores citadinos, pois, pelo menos, se não lhes foi vedada a faculdade de adquirirem o peixe «a lanço», foi-lhes a mesma dificultada grandemente, ao ponto de preferirem fazer as suas aquisições nas «bancas-regateiras», mesmo suportando os consequentes encargos de aumento de preço.

Julgamos que a transferência das vendas deste peixe para o Mercado Municipal, em nada afectaria o orçamento financeiro da Lota da J.A.P.A., e que, pelo contrário mesmo, descongestionaria uma parte do tão já considerável movimento que, de vez em quando, tornam insuficientes as instalações daquele núcleo portuário, que, sabemos, se projecta ampliar.

O modesto pescador da nossa Ria, veria, sem dúvida alguma, aumentar em grande escala a procura do seu pescado, com os consequentes resultados, desta forma benéficos, da lei da oferta e da procura.

Os consumidores ver-se-iam, de novo, dotados das facilidades e faculdades de adquirirem o peixe nas bancas, sem a intervenção dos intermediários que, muito embora necessários para a satisfação das evoluções actuais, lhes encarecem o pescado.

Do próprio Mercado Municipal (a Praça do Peixe), de tão longínquas tradições, irradiaria de novo a voz dos tradicionais pregões — os 27, 28, 28, 29 — dos vendedores, e ver-se-ia de novo frequentado pelas centenas de compradores e, mesmo até, pelos inúmeros curiosos que ainda por lá passam com saudades daquele movimento.

Também o comércio local, dantes tão procurado e agora tão prejudicado por esta prática, veria reluzir de novo a claridade daqueles bons dias de negócio de que vinham usufruindo há incontáveis décadas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Seara Nova»

Acabamos de receber o número 1371/2 da revista de doutrina e crítica «Seara Nova», referente aos meses de Janeiro e Fevereiro, que inclui colaboração de Jean-Paul Sartre (*Albert Camus*), Natália Nunes (*Uma Colecção Documental Histórica*), Luís Ribeiro (*A Escravatura e as suas consequências — II*), J. Sant'Ana Dionísio (*A Reforma das Faculdades de Ciências — V*), J. J. Costa Júnior (*O Ensino Agrícola na África*), Alberto Ferreira (*Dois livros de Joel Serrão — II*), Huertas Lobo (*Ocidente-Oriente*), Aquilino Ribeiro (*Passos na Arada*), Miguel Torga (*Meditação, um poema*) e M. Campos Lima (*Zola e o Naturalismo*).

«Arco Íris»

Muito melhorado, saiu o segundo número de «Arco-Íris», revista mensal de tudo para todos. Com 128 páginas de texto pode ver-se quão interessantes são os assuntos tratados através do respectivo sumário: *Macau — terceira cidade portuguesa. Seja saudável... transpirando. Sem tirar nem pôr... Mais uma da arte moderna. Mensagens de outros mundos. O seu rosto livro aberto. O homem e o crocodilo. Um fantasma chamado Frederico Chopin. Fuga — novela de Maria Judite de Carvalho. Gaunguin um pintor que soube ousar. 350 000 ases de paus. As favoritas e o poder. Cure-se... cantando. O disco que aconselhamos. Já há assistentes de descontração. A caça aos tesouros no cemitério de Montevideu. Conto por conto. O mistério dos desaparecidos. Sofri o que Chessman sofre — a odisseia verídica de um português na América. Gabinete negro. Antologia — A terra de que precisa um homem; O terceiro patamar; A passagem da ponte. Anedotas — Curiosidades.*

«Arco-Íris» custa apenas 5$00 e os pedidos podem ser dirigidos à Redacção — Rua da Alegria, 19-1.º-Dt.º — Lisboa-2.

Direcção de
JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

Notas sobre LITERATURA BRASILEIRA

POR PEREIRA DA SILVA

O fantástico e avassalador incremento económico e social que a grande nação brasileira atravessa tem por companheiro inseparável — e isto poucas vezes tem sucedido — um movimento cultural tão intenso, brilhante e coerente, que coloca o Brasil entre as grandes potências, não só do átomo, mas até do pensamento universal.

Foi por volta de 1940 que o movimento começou. Arredando com coragem todos os tradicionalismos que emparedavam o espírito da *novidade*, surgiu a então chamada «corrente do escândalo» — porque por escândalo sempre se entendeu a fuga às leis de academia regente do pensamento dos outros. Isso mesmo aconteceu entre nós, em volta dos redactores da sensacional mas bem curta revista que no primeiro quartel do nosso século veio rejuvenescer a mentalidade literária de Portugal — a ORFEU.

Um país na adolescência, como é o caso do Brasil, tem vastíssima matéria humana e paisagística a descobrir, e sentimentos a sondar, e problemas novos, diferentes e exóticos, a resolver. Nação do imigrante, é nação de todo o mundo, e nenhuma comunidade, dentro do nosso tempo, tem as características universais e universalistas que conduzem à compreensão, convivência e fraternidade entre os homens — como as que possui a comunidade brasileira.

É deste clima eufórico e *verde*, é deste entrechocar de ideias e religiões, de problemas, de ansiedades e maneiras de viver, enfim, deste cheiro esquisito e penetrante da aventura biológica renovada, que brota a actual e *diferente* literatura da grande nação que o génio português idealizou, e que o génio universal torna realidade prática, visível e tão bela como nenhuma outra dos tempos modernos.

Pode afirmar-se que a primeira grande figura da literatura genuinamente brasileira foi Machado de Assis — venerado no Brasil, desde sempre, mas universalmente admirado desde a projecção mundial dos escritores que formam a nova geração literária do Brasil.

Se grande não fosse já o seu mérito, mostrado através do seu evidentíssimo valor, esse enobreceria, por si só, a geração a que nos referimos. Mas acresce ainda que este núcleo de artistas e escritores, poetas e gentes do Teatro, se tornaram, positivamente, as figuras mais universais de sempre da língua portuguesa. E essa belíssima realidade engloba, no mesmo punhado da nossa admiração, o agradecimento pelas novas perspectivas que abriram ao nosso idioma há bem pouco ainda inacessível.

Há puritanos, mais ou menos tradicionalistas da nossa língua, que se insurgem e lamentam os abusos a que os brasileiros levam a sua liberdade e imaginação na senda de vocábulos e frases que nós, quantas vezes, nem sequer entendemos, mas que — é forçoso reconhecê-lo — melhor alimentam a seiva criadora e progressiva duma nova vida, como é a brasileira. E a verdade é que, há cinco séculos, o idioma português não era o mesmo que hoje falamos. Houve uma evolução, na medida em que avançámos no tempo e nos tornámos velhos.

Lugar aos novos... belo e incompreendido ditado! A experiência dos velhos é necessária, mas para manter uma estabilização que parece quadrar muito bem ao velho continente. Ora este não pode dar o que não tem — e que o Brasil possui de sobra: o poder de criar algo de novo.

Penitenciemo-nos e admiremos o evoluir gigantesco do Brasil — país de possibilidades nunca imaginadas, futura potência primeira da terra, baluarte da continuidade da nossa língua, símbolo perene e eterno do mundo que o português criou!

Comparação

APONTAMENTO DE *Maria Luisa Hernández*

NÃO é que seja difícil comparar um trovador da Idade Média com um menino Litri *dos nossos dias. Mas... são tão diferentes!*

Imaginemos o trovador: um cavaleiro, muito elegante e... galante com as senhoras do seu tempo, às quais dedicava canções de amor, recitando-lhas acompanhado pela cítara — romântico e... histórico instrumento musical.

Bueno — é evidente que, se as recitasse a todas, acabaria afónico por tanto hablar. *Mas reza a tradição que o trovador tinha uma dama sua preferida, e que era para ela que cantava.*

E não se ficavam por aqui, pois pelo que nos diz a história, ainda sobrava muito tempo a estes cavalheiros (quizá el que ahora nos falta a nosotros!) *já que eram capazes de jogar a própria vida pela tal senhorinha, em torneios celebrados numa espécie de circo. Separados uns metros, corriam depois (os cavalos), lanças em riste nas mãos dos cavaleiros. E dama para o vencedor.*

E passemos agora aos niños litris, *que não são tão cavaleiros como eram dantes (no sentido correcto da palavra...). Não é que não consigam aquilo que pretendem... é que não pretendem fazer coisa alguma. O que exigem é que se lhes dê tudo feito. E a culpa de tudo isto, talvez se deva procurar, em grande parte, no excesso de mimo com que são tratados. E os resultados são fatais, pois estes* niños litris *de agora são uns cobardes que se fazem à boa vida, à folgazonice e ao vício.*

Causa-lhes horror a palavra TRABALHAR. E há-os que afirmam, tràgicamente, que não vale a pena viver a sua própria vida de incompreendidos. Antes morrer!

Pobrecitos! *Como se a Humanidade perdesse uma coisa muito importante!*

MOVIMENTO ARTÍSTICO

O artista Mário Silva, que ainda recentemente expôs os seus trabalhos no Teatro Aveirense, conforme nestas colunas se noticiou, acaba de conquistar o segundo prémio, em Pintura, na *I Exposição Internacional dos Estudantes*, promovida pela Comissão da «Queima das Fitas» da Universidade de Coimbra.

O primeiro prémio do mencionado certame foi atribuido pelo júri — composto pelo pintor Júlio Resende e pelo mestre Augusto Gomes, da Escola de Belas Artes do Porto, e pelo mestre Valdemar da Costa, de Lisboa — ao pintor Helder Pacheco, aluno da Escola de Belas Artes do Porto.

Felicitando efusivamente o nosso bom amigo Mário Silva por mais este êxito, aproveitamos o ensejo para referir que brevemente um outro jovem e talentoso artista conimbricense — Lanzner — virá a Aveiro efectuar uma exposição das suas mais recentes obras.

Um dos trabalhos que Mário Silva expôs em Aveiro